

Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 150

Cota n.º 5-4
62-34

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Alminhas dos Caminhos Portugueses

Helder Pacheco

PORTUENSES

Assunto: História

Sítios e Memórias, nº 1. II Série, Março 1997

cx3
nº 8



Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de Documentação

Sítios e Memórias



Ilustração de Jorge Figueira

Sítios e Memórias
n.º 1, II Série, Março de 1997

Editor e Proprietário
Dois Horizontes
Edições e Publicidade, Lda.
Rua de S. Paulo, 216, 1.ºB
1200 Lisboa
Tel. 343 10 17 . Fax 343 10 30

Registo na DGCS
120553

Director
Manuel Paquete

Publicidade
Tel. 343 10 17

Capa e Concepção Gráfica
Jorge Figueira

Colaboradores
Alda Goes
Alzira Simões
Cláudia Leitão
Eduardo Raposo
Helder Pacheco
José Carlos Valente
Maria do Céu Miguel
Maria José Araújo
Paulo Correia
Paulo Ferreira da Costa
Teresa Perdigão

Fotografia
Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa
Eduardo Raposo
Helder Pacheco
José Carlos Valente
Maria do Céu Miguel
Maria de la Concepcion R. Perez

Revisão
Maria João Vicente

Fotolitos, Montagem e Impressão
Multicomp-Artes Gráficas, Lda.
Tr. Conceição da Glória, 14, c/v.
1200 Lisboa

Depósito Legal
nº 107959/97

Nota de abertura

Sítios e Memórias, revista de artes e culturas, será um espaço de divulgação e reflexão de temas relacionados com as ciências sociais e humanas. O nosso rumo editorial pautar-se-á por um conjunto de rubricas com que procuraremos materializar, número a número, uma revista concordante com os propósitos acima enunciados. O espírito dos lugares, a religiosidade popular, as festas, as técnicas tradicionais, a gastronomia ou a música, entendidas na sua dimensão cultural e/ou antropológica, a memória colectiva e a memória histórica, territórios tão distintos como comunicantes enquanto elementos que configuram os homens e as sociedades, serão os assuntos de Sítios e Memórias.

Em realce, apresentaremos sempre um *dossier*. Neste primeiro número damos conta do perfil da Lisboa operária nas primeiras décadas do presente século, através das vertentes: trabalho e luta sindical, lazer e habitação. Boa leitura!

Sumário

DIVERSIDADES Helder Pacheco Alminhas dos caminhos portuenses	2
CULTURAS Paulo Ferreira da Costa Arremesso dos dentes de leite e concepção do tempo	8
ARTES E OFÍCIOS Rui de Abreu de Lima Mascatos	12
CRU E COZIDO Maria José de Araújo Os comeres. Uma família da Lagoa de Óbidos, a outra de São Gregório	16
MEMÓRIA Eduardo Raposo Paulo Correia Farmácia Magalhães, 1846 - 1996	26
DOSSIER José Carlos Valente Algumas notas sobre sindicalismo e movimento operário na Lisboa da 1.ª República	32
Cláudia Leitão Modos de lazer popular em Alcântara, no início do século XX	45
Maria do Céu Miguel Os pátios e vilas Operárias	54
AGENDA Livros 60	Discos 62
	Exposições 64

Alminhas dos caminhos portuenses

Ora havia, lá (e há ainda) umas Alminhas
Como um painel antigo sob um oratório,
Que são as almas a penar no Purgatório.
E tem esta legenda: "O vós que ides passando
Não esqueçais a nós neste lume penando!"

(António Nobre, Só)

Diversidades

Helder Pacheco

Uma das minhas ideias sobre **património** é a de que, por razões que, explicadas, dariam não um texto de revista mas dissertação, existem, na panóplia das convenções longamente assumidas, várias espécies, categorias e escalas a partir das quais a herança cultural é vista respeitada e protegida. Isto é: existem preconceitos - ocultos ou explícitos - que condicionam ou promovem atitudes e, logo, políticas respeitantes à noção do que é **património**. Por isso, pesem embora aparentes inovações e alargamentos dos conceitos a um leque diversificado, na hora da verdade, a maioria das pessoas, perante situações concretas, reage mais com a visão do século XIX e menos com uma perspectiva **contemporânea** e actuante do problema.

Ter uma visão oitocentista significa privilegiar o **monumento** em detrimento do **conjunto**, o **objecto** em detrimento do **processo**, a abordagem simplesmente **histórica** em detrimento da análise multidisciplinar **histórica-económica e social**, etc. As consequências de tal atitude são funestas para a efectiva assunção do **património** como modo e qualidade de viver e construir a cultura do País - ontem e hoje. Nesta conformidade, é óbvia a existência de uma hierarquização e do estabelecimento de uma espécie de classificação artístico-cultural das modalidades patrimoniais. Assim, o Mosteiro dos Jerónimos vale mais do que uma estação arqueológica da Idade do Ferro, a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra mais do que um edifício fabril da revolução industrial, a Torre dos Clérigos mais do que o Palácio de Cristal, um tríptico quincentista mais do que a arte dos ferreiros das aldeias, etc. E, obviamente, o passado com duzentos vale mais do que o

passado com cinquenta anos e o **património contemporâneo** não existe, é uma ficção (quer dizer: como não temos presente, não somos obrigados a produzir **património**). E muitas outras coisas que justificam acções que implicam sobre o **património** existente e explicam omissões, incongruências e prioridades assumidas a tal respeito.

das coisas humildes enquanto **património**

Oh vos que hides passando lembraivos
de nos que estamos penando
(legenda das alminhas de S. Roque da Lameira)

Dessa espécie de herança cultural simples e popular que, de tão comezinha, quase se encontra esquecida, fazem parte os nichos de alminhas. Numa sociedade cada vez mais apressada e motorizada, quem as mantém? Um quantas almas ainda não pervertidas pelas seduções consumistas e alguns fervorosos defensores do **património** das suas terras. Todos anónimos. Em época de materialismo desenfreado, quem vai considerá-las parte da memória e presença discreta humanizando os caminhos? Alguma gente idosa que não perdeu as raízes (e talvez a fé) e uns tantos admiradores das expressões ingénuas das pinturas dos painéis. Em época de religião burocrático-ritual, descarnada de sentimento e, em muitos aspectos, de cristianismo, quem vai assumi-las como crença na capacidade de sufrágio dos fiéis vivos através da Missa, da oração e da esmola, instrumentos essenciais de redenção? E, sobretudo, em época em que o quotidiano de violência, desemprego, doença, guerra e fome é, em

si mesmo, um purgatório, quem aceitará que, segundo a lição da Sagrada Escritura, existe outro purgatório do qual só serão excluídas as almas dos meninos e inocentes? Não admira pois que, país fora, construções de estradas e avanços urbanos aliados ao desinteresse e à perda de certo sentimento poético da existência tenham arrasado ou arruinado dezenas de nichos de alminhas, manifestações ímpares distintivas de uma personalidade cultural que, desde a transição do século XVI para o XVII, animava os lugares concorridos (encruzilhadas de caminhos, berma das estradas, entradas de pontes, muros e paredes de casas, capelas e igrejas, etc.).

Parte integrante do nosso património popular, as **alminhas** são representações pintadas sobre suportes de madeira ou metal das almas do purgatório a penar nas chamas do fogo eterno, protegidas ou libertadas pela imagem de Cristo na cruz, a Virgem, o Arcanjo S. Miguel ou inúmeros santos (com destaque para Santo António). Nelas, em legenda de rodapé, pedem-se lembranças e orações em intenção das almas penantes. Na sua obra fundamental sobre o tema ("Os Painéis do Purgatório e as Origens das Alminhas Populares", **Boletim da B.P.M.**, Matosinhos, 6, 1959.), o saudoso investigador Flávio Gonçalves escreveu: "(...) **além do seu cunho religioso, as alminhas interessam como documentos da arte popular. Na ingenuidade do desenho, no policromismo vivo das tintas, na repetição de certas características iconográficas, as cenas do Purgatório pintadas nos retábulos oferecem-nos elementos curiosíssimos a considerar. Os condenados, visíveis da cinta para cima, desnudos, contorcem-se no meio das labaredas, erguendo os braços para o céu a pedir clemência, ou pondo as mãos em gesto de humildade e oração. Alguns anjos, junto do fogo, preparam-se para retirar do suplício as almas já purificadas. No céu, diversas personagens intervêm em auxílio dos condenados.**" Este extracto é retrato fiel da generalidade dos painéis de **alminhas** que constituíam, em algumas regiões do País, traço característico da sua paisagem.

A origem das alminhas é controversa. Aparentemente seriam, dois mil anos depois, ressonância cristã dos pequenos altares que os romanos levantavam nos caminhos e encruzilhadas (protegendo quem passava) em honra dos deuses *lares viales* temidos e adorados.

Segundo a tese moderna, seriam consequência da Contra Reforma que, através do Concílio de Trento, em 1563, redefiniu o dogma da existência do Purgatório (lugar da purificação pelo fogo). A partir daí, proliferaram as Confrarias das Almas e novo impulso foi dado no sentido de, renovando a catequese interrompida desde que os Padres da Igreja haviam estruturado os dogmas da crença cristã, considerar as **alminhas** originárias do culto da sobrevivência das almas. Tal culto tinha tradução prática, na arte erudita, em telas e relevos do Purgatório e, na tradição popular, em pinturas dos painéis colocados nos lugares dos antigos cultos romanos.

Num tempo onde se impõe a síntese e o diálogo inter-cultural, as duas posições não são incompatíveis.

Juntas, talvez expliquem de modo mais abrangente a origem e localização das **alminhas**, tendo, afinal, como base a crença numa vida para além da terrena. Talvez os cristãos que tão amorosa e compenetradamente admiravam e prestavam (e os sobreviventes do holocausto cultural e religioso ainda prestam) culto às almas do Purgatório não andassem longe do significado profundo dos deuses *viales* e *compitales* dos nossos mestres romanos.

A origem das alminhas é controversa. Aparentemente seriam, dois mil anos depois, ressonância cristã dos pequenos altares que os romanos levantavam nos caminhos e encruzilhadas (protegendo quem passava) em honra dos deuses *lares viales* temidos e adorados.

alminhas cidadinas (ou a persistência da memória)

Entre dois arcos, o vento fazia bamboar uma lanterna acesa, cuja luz débil projectava uma frouxa claridade indecisa, cortada de sombras hesitantes, sobre um retábulo pintado a óleo, que era, e é ainda hoje, assunto de muita veneração para grande parte da população portuense (...)
(Urbano Loureiro, *A Infância de Frei Quintino*)

O Porto é exemplo - comum a outras cidades europeias - de crescimento a partir de um burgo antigo, fortemente urbanizado, para a periferia. Ou, dito de outro modo, da absorção paulatina, operada ao longo de séculos dos arrabaldes campestres pela mancha cidadina alcançando primeiro, as

DA C
ANTÓNIO
BENTES

Fotografias de Heitor Pacheco



C – Viaduto de 5 de Outubro (Ramalde)



N – Bairro do Património dos Pobres (Carvalhido)



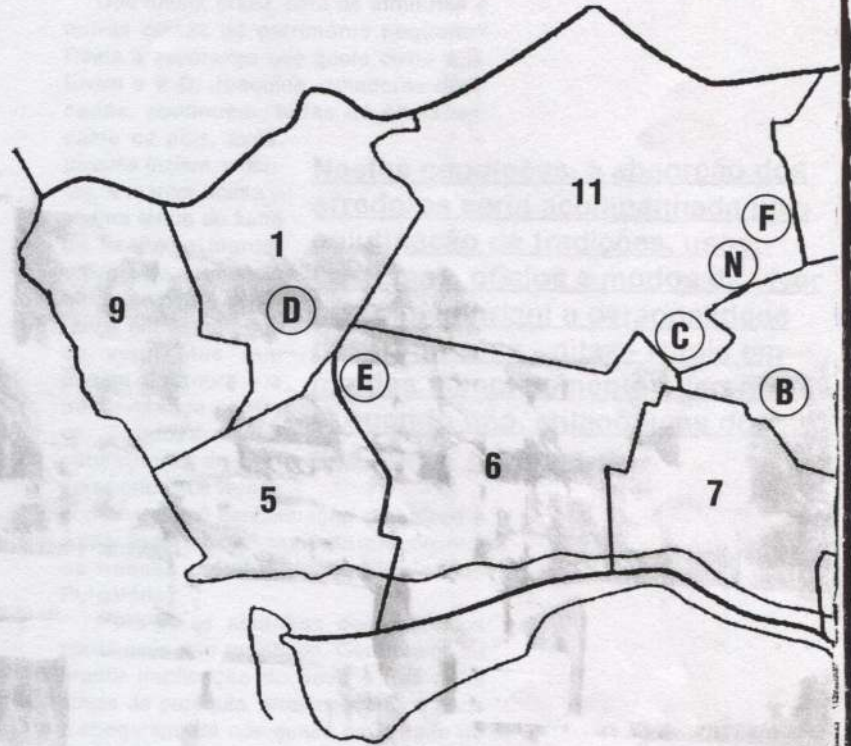
F – Alminhas de S.^o António (Rua de S.^o Luzia/Ramalde)



I – Igreja do Ameal (



D – Cemitério de Aldoar



E – Rua de Tânger (Lordelo do Ouro)



B – Alminhas de S.^o António, Capela do Senhor do Calvário (Ramalde Alto)



(Paranhos)



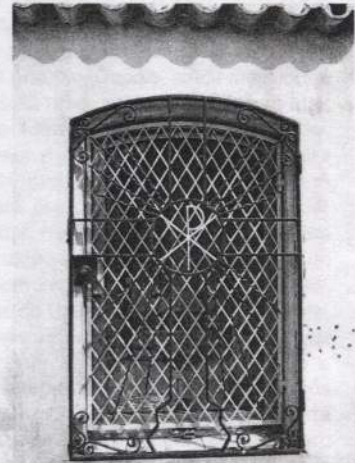
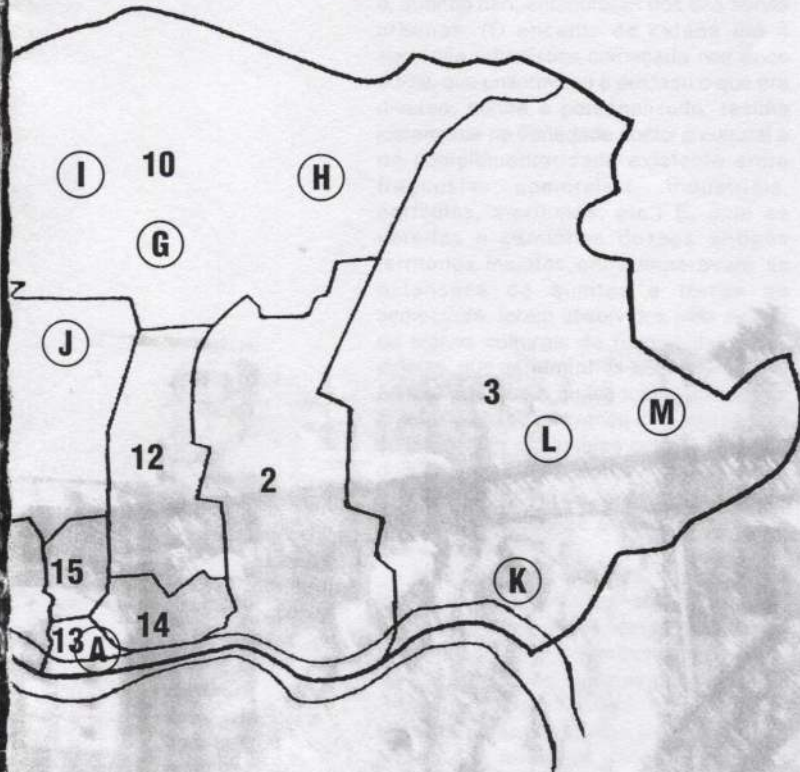
G – Arca d'Água (Paranhos)



H – S.^o António de Lamas (Paranhos)



J – Alminhas do Senhor do Olho Vivo (Lapa)



M – Alminhas de S. Roque da Lameira



L – Capela de S. Roque da Lameira



Armenor das Alminhas da Ponte (Ribeira)



K – Rua do Freixo (Campanhã)

- | | |
|----------------------|--------------------------------|
| 1 – Aldoar | 8 – Miragaia |
| 2 – Bonfim | 9 – Nevogilde |
| 3 – Campanhã | 10 – Paranhos |
| 4 – Cedofeita | 11 – Ramalde |
| 5 – Foz do Douro | 12 – S. ^o Ildefonso |
| 6 – Lordelo do Douro | 13 – S. Nicolau |
| 7 – Massarelos | 14 – Sé |
| | 15 – Vitória |